



## O homem que se traduzia: escrituras, tradições, atos linguísticos

The Man Who Translated Himself: Scriptures, Traditions, Linguistic Acts

**Halina Grynberg\***

Rio de Janeiro, Brasil

halinag@uol.com.br

**Resumo:** O ato da palavra e o enigma da tradução são paradigmas para a exploração da obra teórico-clínica construída por Sigmund Freud. A partir da premissa de que o aparelho psíquico é também um aparelho de linguagem e memória, este artigo busca analisar os atos de interpretação na cena clínica da psicanálise como um modo de operação com a análise sintática da língua falada e da memória inscrita dentro de uma estrutura de linguagem.

**Palavras-chave:** Palavra. Linguagem. Psicanálise.

**Abstract:** The act of speaking and the enigma of translation are paradigms for exploring the theoretical-clinical work constructed by Sigmund Freud. Based on the premise that the psychic apparatus is also a language and memory apparatus, this article seeks to analyze the acts of interpretation in the clinical setting of psychoanalysis as a mode of operation with the syntactic analysis of spoken language and memory inscribed within a language structure.

**Keywords:** Word. Language. Psychoanalysis.

<i>Os nomes de Freud nas variações da escrita da direita para esquerda e da língua hebraica:</i>
זיגמונד פרויד פרויד זיגמונד
Sigmund Freud
(Halina Grynberg)

Como psicanalista, sinto-me, às vezes, como uma equilibrista. Agora, me proponho a ser tradutora e reconheço, intimamente, um traço de identificação particular. Como Freud, minha origem é judaica e da Europa Oriental, e fui criada nas mesmas línguas familiares que ele. Minha vida também se passa entre traduções e versões de sentido

---

\* Psicanalista e escritora.



das muitas línguas aprendidas desde a infância, iídiche, polonês, hebraico, francês, português, inglês, espanhol, no trajeto de refugiados judeus.

Considero o ato de palavra e o enigma da tradução como paradigmas para a exploração da obra teórico-clínica construída por Freud, a partir da premissa de que o aparelho psíquico é também um aparelho de linguagem e memória. Sendo assim, todos os atos de interpretação na cena clínica da psicanálise é um modo de operação com a análise sintática da língua falada e da memória inscrita dentro de uma estrutura de linguagem.

Destacarei, nesse contexto, um aspecto entre tantos: seu exercício de vida inteira como pesquisador e clínico, numa travessia entre a memória infantil como judeu de direitos de cidadão restritos e as línguas familiares (iídiche, hebraico e alemão) de onde despontou como sujeito de sua enunciação original, a psicanálise. Durante a sua vida, Freud se traduziu. Erguendo-se com sujeito dentro de uma linguagem exilada, pergunto-me qual seria a implicação dos textos tradicionais judaicos na construção dos seus conceitos teóricos?

Sigismundo Schlomo Freud (6 de maio de 1856 – Londres, 23 de setembro de 1939[]), nasceu e foi criado em uma família judia, em Freiberg in Mähren, na época domínio do Império Austríaco (atualmente, a localidade é denominada Příbor e pertence à República Tcheca). A casa de família onde nasceu e viveu com a sua família ficava na Rua Zámečnická 117-742 58, Příbor – GPS: 49.641040, 18.140862.

Jakob Freud, pai de Sigismund Schlomo, era um homem razoavelmente assimilado aos modos sociais da cultura ocidental, mas que conhecia e falava perfeitamente o idioma hebraico e o iídiche familiar dos judeus da Europa oriental, respeitando sempre as grandes festas do calendário judaico e dedicado à leitura da Torah, o Velho Testamento de Moisés, o Livro dos Livros. Ele ensinou hebraico e a leitura do texto sagrado ao seu filho Schlomo a partir dos sete anos, visando, como manda a tradição, prepará-lo para o Bar Mitzvah. E, com isso, torná-lo um homem autorizado a formular reinterpretções de saberes tradicionais diante comunidade a que pedia licença de pertencimento adulto. Escrevo a frase e me surpreendo. Freud, portanto, pensou a interpretação durante toda a sua trajetória como criador do dispositivo clínico psicanalítico e do desvelamento do funcionamento inconsciente? Acredito que sim.

Outro detalhe, o Velho Testamento cristão não é a Bíblia Hebraica. O Velho Testamento cristão, tal como é praticado pelos evangélicos, ou pelos católicos, ou pelos luteranos, não é mesmo texto da *Tanach*. Qual é a grande diferença? É fonte da tradução. Se é tradução, isso implica o quê? Na regras da língua na qual foi escrita e partir qual seria traduzida.

Volto, assim, à questão da linguagem. O que foi dito até aqui já nos fez entrar na psicanálise, pelo viés da multiplicidade de línguas e dos processos simbólicos pelos quais Freud era atravessado. Um detalhe significativo surge, então. Freud optou por



transliterar o nome que recebera ao nascer, Schlomo Sigismund, para Sigmund Freud, em 1877, aos 21 anos. Forma mais germânica, evitando (talvez?) destacar sua origem judaica que tantas obstruções lhe trouxera na carreira acadêmica. Ao mesmo tempo resume em seu artigo de 1925: “Meus pais eram judeus, e eu continuei sendo.”<sup>1</sup>

Aos 35 anos, Freud recebe como presente de seu pai, cinco anos antes deste falecer, a antiga Torah familiar que havia sido reencadernada em couro e trazia belíssima dedicatória em hebraico. É nela que Jakob registra dois acontecimentos relevantes, escrevendo em hebraico: “6<sup>a</sup> feira, 4 da tarde, 6 de ADAR de 5616, ou seja, 21 de fevereiro de 1856: meu pai, o rabino Schlomo, filho do rabino Ephraim Freud, entrou em sua morada celeste”. Apenas algumas semanas depois, ele volta a escrever: “no primeiro dia do mês de Iar de 5616, ou seja, 6 de maio de 1856, às 6 e meia da tarde: nasceu o meu filho Schlomo Sigismund”. Jakob nomeia o recém-nascido, primogênito de seu terceiro matrimônio, com o nome do próprio pai, como manda a tradição judaica, mantendo o patronímico familiar, respeitando os rabinos da família, avô e bisavô, eruditos e letrados.

Convém caminhar passo a passo e cuidadosamente a partir desses registros. O caminho das relações entre língua e psicanálise queima como as areias de um deserto de passagem. Indico, aqui, algumas definições para que nos comuniquemos melhor no território da linguística com a psicanálise. Sendo a morfologia o estudo da estrutura, da formação e da classificação das palavras, ela está agrupada em dez classes. Denominadas classes de palavras ou classes gramaticais, são elas: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Aqui, descrevo a estrutura e, portanto, o sistema necessário para a construção de um discurso, e o lugar das coisas/palavras na frase falada ou escrita com finalidade de comunicar.

O alfabeto hebraico, no qual o ídiche também é escrito, embora foneticamente soe como um dialeto do alemão (complexo sintomático é essa língua de exílio e da diáspora para a vida em família de Freud), tem morfologia e sintaxe peculiares nos verbos, vogais e consoantes. A singularidade nos nomes de Freud desenhada na inscrição em epígrafe, quando grafado em ídiche פֿרױד זיגמונד, a língua íntima e familiar dos judeus da Europa Oriental. Nessas letras, em busca de alinhamento, precariamente inseridas, ou seria enxeridas, reconheço o ponto de origem da minha reflexão.

Agora, vamos à grafia, especificamente. Entre a classificação dos múltiplos sistemas de escrita, estão os *abjads*, como um tipo especial de silabário, de alfabeto, ou ainda uma categoria independente que se configura como um sistema de escrita no qual os símbolos das letras, que representam as consoantes quando lidos, devendo o leitor acrescentar as vogais em falta.

---

<sup>1</sup> FREUD, 1976.



O *abjad* hebraico, também conhecido como *Alef-Beit*, é utilizado para a escrita em hebraico, língua semítica pertencente à família das línguas afro-asiáticas. Criado por volta do século III a.C., ele é utilizado ainda hoje para escrever o iídiche (lembrem-se, língua de sonoridade germânica falada pelos judeus da Europa Oriental e Alemanha na diáspora de 2000 anos, e que continua sendo escrita como um *abjad* hebraico, fluindo da direita para a esquerda). O termo “diáspora” é usado para fazer referência à dispersão do povo hebreu no mundo antigo, a partir do exílio na Babilônia, no século VI a.C. e, especialmente, depois da destruição de Jerusalém em 70 d.C. Em termos gerais, a palavra “diáspora” pode significar a dispersão de qualquer povo ou etnia pelo mundo.

Por isso, confesso, lutei longos minutos para formatar o título acima, em Word ocidental, a partir do site <http://www.hebraico.pro.br>, que trazia o nome de Sigmund Freud redigido em hebraico. A programação digital do meu Windows para caracteres ocidentais se recusava acatar que o começo da oração nominal se movesse a partir da direita e não da esquerda.

Reparem que os estou conduzindo neste artigo, para o debate de uma hipótese: o ato de interpretação na cena clínica da psicanálise é um modo de operação com a análise sintática da língua falada e da memória inscrita dentro de uma estrutura de linguagem. Sendo assim, seria consequência da premissa de que Freud seria um tradutor de si mesmo. Pressuponho que, tendo sido o aprendizado familiar da fala e a alfabetização inicial de Freud em língua hebraica e iídiche, ambas maternas, haveria uma resistência interna ao fluir associativo entre os objetos designados pela língua, numa rede de multideterminações.

Vale lembrar que apenas depois da escolarização formal haveria a sobreposição da língua estrangeira, extrafamiliar. Sendo o alemão falado no vasto Império Austro-Húngaro carregado de antissemitismo, Freud recorria ao recalque de uma série de representações e signos linguísticos persecutórios para poder inscrever-se na tradição acadêmica e científica, mantendo suas identificação primeiras.

No artigo “Metapsicologia/ Fantasia”, de Renato Mezan, está feita essa conexão entre pensamento, fantasia e afeto no trabalho teórico sobre a relação entre palavras e coisas e representações entre línguas. O recalque sendo o mecanismo de defesa mais antigo e o mais importante – descrito por Freud desde 1895 – como um processo pelo qual se eliminam da consciência partes da vida afetiva e relacional, inconformados com a realidade externa ou interna, nem por isso deixam de retornar. Assim, desejos, sentimentos, lembranças considerados inconvenientes ou conflitantes com a realidade externa ou interna são eliminados da consciência e mantidos inconscientes, em constante retorno sintomático e fantasmático e *hunheimlich*. Há, portanto, uma linguagem exilada que se dá a ver. Ou seja, um nome/coisa do quase indizível, a não ser por aproximação. O conteúdo aparente não esconde o latente. Trata-se, creio, que o que aparece é apenas um vestígio do que resta.



Adoro ler teses. Criam-se atalhos e pontes que favorecem instrumentos de pensar, bem construídos e atuais em seu contexto histórico e acadêmico. Zapeando entre diversos recortes e *hiperlinks* de teorias de alfabetização, esbarro nos educadores e pensadores atuais do construtivismo de Jean Piaget, propondo que a escrita seja entendida como um sistema de representação, ou seja, de língua, e não como código de transcrição de fala. Os educadores ainda sustentam que as possíveis indagações das crianças diante da escrita têm a ver com a construção dessa escrita como objeto de conhecimento. Na teoria de Piaget, o acesso ao nível pré-operatório, que surge entre os 18 meses e os dois anos, é caracterizado pelo aparecimento da função simbólica, considerando-se a constituição da função simbólica como sendo a possibilidade de diferenciar o significante do significado, promovendo o reforço para a interiorização das ações.

Ou seja, a função simbólica propicia que a criança represente os objetos ou acontecimentos fora do seu campo de percepção diretamente atual por meio de símbolos ou signos diferenciados que transformam essas coisas/sons/palavras em circuitos de metonímia ou metaforização. A partir dessa diferenciação, o sujeito pode recordar-se, a si mesmo em reflexão, por meio dos significantes e dos significados mesmo afastados no tempo e/ou espaço. Porque todo o sistema de representação implica um processo de seleção que determina o que é retido do objeto representado e o que vai ser deixado de lado.

Buscando ainda outras fontes como instrumentos de pensar, bem construídos e atuais em seu contexto histórico e acadêmico, encontrei referências importantes na tese de doutorado de Maria Rita Salzano Moraes.<sup>2</sup> O seu trabalho é uma reflexão sobre a possibilidade de se pensar a relação língua materna-língua estrangeira a partir da constituição do sujeito por linguagem. Isso supõe que se faça uma diferenciação entre sujeito e Eu, o que é possível, quando se toma como base para essa reflexão, a hipótese freudiana do inconsciente e revista por Jacques Lacan.

Essa hipótese contempla, na sua formulação, uma concepção diferenciada de memória, em que a inscrição da linguagem é um processo de escrita/leitura dos traços mnêmicos, cujo registro simultâneo em sistemas diversos, não permite sua recuperação imediata. A possibilidade de recuperação dos traços mnêmicos passa pela necessária via da expressão verbal, da leitura, de maneira que, se, de acordo com a hipótese de Freud, a memória é, em grande parte, inconsciente, abre-se um outro lugar de discussão sobre o estatuto da chamada Língua Materna: ela não representa, para o sujeito, sua plena segurança, dado que aí não pode dizer tudo. Donde a vacância produtiva ali onde está inserido o objeto a de Lacan, para o processo transferencial no processo de decifração e atualização da memória e seus enlances libidinais.

Fica, portanto, suspensa a condição de ser a Língua Materna um veículo de certeza do sujeito. Nessa hipótese está implícita uma divisão entre língua e linguagem, sendo a

---

<sup>2</sup> MORAES, 1999.



língua o lugar de apresentação da certeza do Eu, mas, simultaneamente, da possibilidade de manifestação da linguagem inconsciente e daquilo que se fala no Eu, sem seu consentimento. Como consequência dessa hipótese, acrescenta-se à discussão o estranhamento inscrito na língua, como elemento organizador que permite deslocar na relação Língua Materna /Língua Estrangeira, a questão da alteridade. Língua Estrangeira perde o estatuto de alheia, porque diferente, para ser questionada a partir do estranhamento próprio à Língua Materna. Se a hipótese sobre o inconsciente foi construída porque Freud ouviu falhas, hesitações e esquecimentos como manifestações de um funcionamento desconhecido pelo Eu/Ego, devemos destacar, sobretudo, que Freud não concebe seus “aparelhos” de memória e de linguagem senão enquanto sistemas de escrita.

O documento intitulado “O trovão, a mente perfeita”, desenhado sobre um papiro pertencente atualmente a Biblioteca Nag Hammadi, que se estima datado de 325 d.C. e escondido entre outros escritos em jarras de barro, por mais de 1.600 anos. Redescoberto nesta cidade do Alto Egito, em 1945. A Segunda Grande Guerra desenterrou o recalco histórico e deu-o à luz. É um monumento literário do gnosticismo. Este poema é usado como epígrafe por Toni Morrison em *Jazz*:

Eu sou o nome do som  
É o som do nome.  
Eu sou o signo da letra  
e a designação da divisão.<sup>3</sup>

Com base em interpretações heterodoxas e relatos alternativos do Pentateuco, os cinco rolos da Torá hebraica, e o Velho Evangelho cristão, os gnósticos fizeram afirmações considerando que o universo material (cosmo) teria sido criado por uma emanção imperfeita de um Deus supremo demiurgo. Aos demiurgos cabia a tarefa de aprisionar a centelha divina (espírito) no corpo humano. Essa centelha poderia, então, ser liberta por intermédio da gnose: que seria um conhecimento intuitivo (nem lógico ou dedutivo) sobre o espírito e a natureza da realidade. Demiurgo, portanto, indicaria um artesão designado pelo divino para intervir na natureza humana, como guardião da alma no mundo; e que, sem criar de fato o universo, daria forma a uma matéria desorganizada, imitando as potências eternas, numa tarefa de semblante de saber e poder. Sem muita dificuldade, podemos considerar essa reflexão trecho como uma apresentação metafórica, do processo de cura na clínica.

Caminhemos, agora, até a prática da palavra no *setting* analítico. O que acontece no divã? Primeiro, há uma desterritorialização. Não se está em lugar algum designado por coordenadas de um aplicativo qualquer de localização quando se está no divã. Trata-se de um encontro em um outro lugar. Um lugar onde o som das palavras movimenta cada detalhe das narrativas marcadas pelo desejo e ocupa todo o espaço.

---

<sup>3</sup> MORRISSON, 2009.



Se quiserem chamar isso de Jerusalém, o lugar do balbucio e do compromisso, também pode ser. Quer dizer, esse lugar é onde o texto é dito. A ideia de Jerusalém, independente da ideia política que as nações podem ter da cidade, traz o sentido do lugar mítico onde todas as línguas vieram a ser e onde também se ergueu a torre de Babel... Vários territórios e dispositivos num mesmo lugar no tempo lógico.

Construiu-se, desse modo, pelo ato analítico-interpretativo, e ou traduzível, um caminho para a transcendência, para ir a um além do sentido dado ou fixado culturalmente na língua. E nesse lugar de transcendência onde todos poderiam falar a mesma linguagem, o que acontece? – cada um vai falar a sua língua. Portanto, o lugar onde se fala um texto que se torna referente de subjetivação e “sacralizado”. Estou usando a palavra “sacralizado” no sentido hebraico da palavra. Em hebraico, a língua recalcada e exilada de Freud, existe uma palavra chamada *Kadosh*, que quer dizer “separado”; “aquele que está no intervalo”. Assim, um *setting* é um lugar separado, um dispositivo de ato e significação. E ali vai se invocar, e evocar, na direção de um outro, dentro de um Outro.

O que se transmite neste *setting*, o que se traduz, se interpreta e se verte aí? Essa falta de lugar. Esse lugar algum, esse tempo nenhum, o aqui e o agora. Na sua autobiografia de Freud de 1925, ele diz: “se eu não fosse judeu eu não sentaria atrás do divã”. Por quê? A ideia da margem acompanha um povo que não tinha um território geográfico, mas, um território literário. Esse povo fala no exílio e a partir do exílio. Por isso, apenas é e está provisoriamente. Está quase, entra e sai. E se os judeus na diáspora tivessem se assimilado totalmente, e se a escritura sagrada hebraica, separada, se tornasse igual ao Velho Testamento, não haveria mais essa identidade movente. Mas os judeus, eles sempre escutavam outra língua enquanto falavam uma língua outra. Esta é a técnica da escuta psicanalítica por detrás do divã.

Desses tantos saberes oprimidos, recalcados, e, no entanto, ativos, reencontramos uma pista, espécie de testemunho sobre o ato de transmissão, do próprio Freud, no prefácio à tradução hebraica de *Totem e tabu* (1930). Pergunta-se, “Mas o que ainda há de judeu em ti...?”, ao que responderia: “Muita coisa ainda, provavelmente o principal”. Mas, ainda assim parece também que, mesmo naquele momento, Freud compreende que não poderia formular essa característica essencial com palavras claras e, talvez por isso, projete no futuro e por mulheres a decifração de sua obra e do desejo feminino: “Mais tarde certamente haverá uma ocasião em que ela será acessível à compreensão científica.” Assim, mulher, judia e psicanalista, ousei ensaiar algumas hipóteses neste conjunto de conjecturas e acasos.

## Referências



FREUD, Sigismund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FUNÇÃO SIMBÓLICA. *Infopédia* [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$funcao-simbolica](https://www.infopedia.pt/$funcao-simbolica). Acesso em: 23 dez. 2021.

MEZAN, Renato. Figuras da teoria psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, n. 23 (4): p. 57-77, São Paulo: Edusp/Escuta, 1989.

MORAES, Maria Rita Salzano. *Maternal/estrangeira: o que Freud fez da língua*. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1999. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271090>). Acesso em: 23 out. 2021.

MORRISSON, Toni. *Jazz*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

-----

Recebido em: 23/08/2022.

Aprovado em: 23/09/2022.